

## ***Cabo Verde e o Espaço Euro-Atlântico da Macaronésia***

### ***Cape Verde and the Euro-Atlantic Area of Macaronesia***

Víctor Barros, PhD

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5727-1851>

#### **Resumo**

Este artigo analisa alguns discursos políticos cabo-verdianos concernentes ao espaço euro-atlântico da Macaronésia. Em primeiro lugar, examina como o conceito biogeográfico de Macaronésia foi apropriado por atores políticos cabo-verdianos. Seguidamente, destaca as estratégias de inscrever no imaginário social e político o significado das relações entre Cabo Verde, os arquipélagos atlânticos e a União Europeia. O artigo argumenta que os discursos que justificam essas relações geram e inspiram ideias sobre possíveis espaços imaginários de pertença de Cabo Verde.

**Palavras-chave:** Cabo Verde. Macaronésia. União Europeia. Relações Políticas. Espaços imaginários de pertença.

#### **Abstract**

This article analyses some Cabo Verdean political discourses related to the Euro-Atlantic space of Macaronesia. Firstly, it scrutinizes how the biogeographic concept of Macaronesia was appropriated by Cape Verdean political actors. Secondly, the paper highlights the strategies to inscribe in the social and political imagery the meaning of the relationship between Cabo Verde, the Atlantic Archipelagos and the European Union. The article argues that the discourses justifying this relationship inspire ideas on Cabo Verde imaginary spaces of belonging.

**Keywords:** Cabo Verde. Macaronesia. Europe Union. Political relations. Imaginary spaces of belonging.

## Introdução

Este artigo sonda a construção discursiva de espaços imaginários de pertença. O propósito é, sem pretensões de exaustividade, destacar o âmbito de determinados discursos cabo-verdianos sobre o espaço atlântico da Macaronésia. Trata-se de examinar algumas articulações e complexidades políticas inerentes a esse espaço biogeográfico euro-atlântico. Refira-se que os arquipélagos portugueses (Açores e Madeira) e o espanhol (Canárias) integram as fronteiras da Europa e carregam a designação de Regiões Ultraperiféricas da União Europeia. Estas têm sido objeto de diversos estudos, tanto à escala das suas relações com o território nacional onde estão inseridas, como à escala mais ampla da União<sup>1</sup>. Cabo Verde, em contraste, é um país africano, localizado na costa ocidental e composto por dez ilhas. O arquipélago tem, no quadro da sua política externa, uma parceria especial com a União Europeia; mas esse dispositivo não isenta em nada o pleno exercício da sua soberania política enquanto estado-nação africano e independente. Apenas configura formas específicas de cooperação política<sup>2</sup>.

Todavia, a ideia de identificar Cabo Verde como arquipélago da Macaronésia induz, em termos de comunicação política, várias inferências, a começar desde logo pela própria forma como o conceito de Macaronésia é veiculado pelos discursos oficiais cabo-verdianos. A noção de que a Macaronésia é um espaço de integração ou de ancoragem política é, por vezes, emparelhada com retóricas sobre a ideia de uma ‘vocação atlântica’ de Cabo Verde. Mas como já demonstrámos em outro lugar, a ideia de ‘vocação’ fabrica uma visão reificada dos processos históricos, das conjunturas políticas e desconsidera os agenciamentos, assim como os interesses dos atores em cena; ao mesmo tempo, a ‘vocação’ induz à idealização de um imaginário político tributário de

---

<sup>1</sup> AMARAL, Carlos Pacheco, *Autonomie Régionale et Relations Internationales. Nouvelles Dimensions de la Gouvernance Multilatérale*. Paris: L’Harmattan, 2011; VALENTE, Isabel Maria Freitas, *As Regiões Ultraperiféricas Portuguesas – Uma Perspetiva Histórica*. Região Autónoma da Madeira, Funchal, CEHA, 2009. ISBN 978-972-8263-64-5; GUILLAUMIN, Patrick, “La Dimension Ultrapériphérique de l’Union Européenne”. In *Quel Statut pour les Îles d’Europe?*, Paris: l’Harmattan, 2000, pp.103-128.

<sup>2</sup> PEREIRA, Jairzinho, “Theorizing the EU Conditionality Policy and its Application in West African Countries. The Case of Cape Verde”, *European Scientific Journal*, Vol. 10, May 2014, pp.389-403; MONTEIRO, Maria Isabel Gomes, *Parceria Especial Cabo Verde/União Europeia-UE: Uma Mudança de Paradigma nas Relações entre Cabo Verde e UE?*, Dissertação de Mestrado. Lisboa: ISEG, Universidade Técnica de Lisboa, 2011; BARROS, Víctor, “Nos trilhos da Europa: Cabo Verde e a Parceria Especial com a União Europeia”. In VALENTE, Isabel M. F. & RIBEIRO, Ana (orgs.), *Debater a Europa*. Aveiro: Centro de Informação Europe Direct Aveiro, 2010, pp.246-278; BARROS, Víctor, “A Parceria Especial CV/UE: Olhares da Imprensa”. In RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (coord.), *De Roma a Lisboa: A Europa em Debate*. Coimbra: Almedina, 2009: 95-123; COSTA, Suzano, *Cabo Verde e a União Europeia: Diálogos Culturais, Estratégias e Retóricas de Integração*, Dissertação de Mestrado. Lisboa: FCSH, Universidade Nova de Lisboa, 2009.

uma visão essencialista e teleológica da história e das identidades. Em suma, o mito da ‘vocação’ cria espaços imaginários de pertença<sup>3</sup>.

Os espaços imaginários são invenções políticas e ideológicas, como Suzano Costa amplamente elucidada<sup>4</sup>. Como quaisquer outros constructos sociais, eles são insuflados com expedientes político-discursivos de índole diversa. Os espaços imaginários cabo-verdianos têm uma historicidade narrativa que acumula e ancora (de forma até imbricada) diversas formações discursivas, muitas vezes até contraditórias entre si<sup>5</sup>. Por exemplo, se é verdade que qualquer espaço real de pertença é concebido sempre por referência aos critérios de interioridade e exterioridade face a outras entidades geográficas e políticas<sup>6</sup>; por sua vez, os espaços imaginários de pertença resultam de processos discursivos específicos que concebem retoricamente várias dimensões e escalas político-simbólicas de relacionamento entre determinadas entidades ou atores. Forjam-se, a partir dessas dimensões relacionais, outros imaginários e formas de projetar ancoragens. Neste caso, os espaços imaginários de pertença são conspeções a partir das quais os atores discursam e induzem nessa comunicação a ideia de outras pertenças que transcendem o simples espaço geográfico concreto<sup>7</sup>. Um exemplo paradigmático do que vem de ser dito é o imaginário político cabo-verdiano sobre a ideia de espaço atlântico da Macaronésia.

### **Macaronésia (*makarios, nessos*): geografia, natureza e imaginário político**

A ideia política cabo-verdiana sobre a Macaronésia é o protótipo discursivo mais ilustrativo do que podemos denominar de espaço imaginário. Porque quando se ventila que Cabo Verde pertence ao espaço da Macaronésia, a retórica política remete para a ideia de uma espécie de entidade ou espaço autónomo comum em que integrariam, entre outras, as ilhas cabo-verdianas. Mas a Macaronésia não existe como entidade política alheia às soberanias dos respetivos países aos quais estão vinculados os arquipélagos que a formam; nem existe como espaço cultural de identificação coletiva: aliás, a exis-

---

<sup>3</sup> BARROS, Víctor “Cabo Verde e o Mito de Vocação Atlântica: Entre a Apropriação Política da História e a Ideologia do Dom Identitário”. In DELGADO, José Pina *et al.* (orgs.), *As Relações Externas de Cabo Verde: (Re)leituras Contemporâneas*. Cidade da Praia: Edições ISCJS, 2014, 133-159.

<sup>4</sup> COSTA, Suzano, “Cabo Verde e a Integração Europeia: A Construção Ideológica de um Espaço Imaginário”, *Revista Travessias*, n.º 8, Rio de Janeiro, 2007, pp.111-150.

<sup>5</sup> BARROS, Víctor, “Cabo Verde: Os Avatares dos Discursos Identitários e a Imaginação dos Espaços de Pertença”. In SARMENTO, Cristina Montalvão; COSTA, Suzano (orgs.), *Entre África e a Europa: Nação, Estado e Democracia em Cabo Verde*. Coimbra: Edições Almedina, 2013, pp.141-169.

<sup>6</sup> MARTINS, Rui, *O Método da Fronteira. Radiografia Histórica de um Dispositivo Contemporâneo (Matrizes Ibéricas e Americanas)*. Coimbra: Almedina, 2008, pp.153-187.

<sup>7</sup> BARROS, Víctor, “Cabo Verde e a Imaginação dos Espaços de Pertença: Atlântico, África, Europa”. In RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (coord.), *(Re)pensar a Europa*. Coimbra: Almedina, 2010, pp.101-121.

tência de uma suposta consciência histórica comum às sociedades das ilhas macaronésias é um mito facilmente refutável. Dito doutro modo, a ideia de uma referencialidade memorial análoga que englobe sob o mesmo manto histórico os ‘povos da Macaronésia’ é sempre passível de ser questionada. Aliás, o próprio Atlântico, assim como as sociedades que o integram ou que foram abarcadas pelas suas redes de relações não têm uma historicidade homogénea<sup>8</sup>. De modo idêntico, a noção de Macaronésia não transcreve o entendimento de uma consciência histórica unívoca.

A Macaronésia é um termo biogeográfico, um conceito usado por botânicos, geógrafos e naturalistas para designar a afinidade biogeográfica que caracteriza a flora e a fauna de cinco arquipélagos localizados no Oceano Atlântico (Açores, Madeira, Ilhas Selvagens, Canárias e Cabo Verde). Assim, por referência às afinidades da flora e da fauna, este conjunto costuma ser designado de arquipélagos da Macaronésia. Deste ponto de vista, a região da Macaronésia é um espaço essencialmente biogeográfica<sup>9</sup>. Palavra de origem grega, Macaronésia (*Makarios, nessos*) significa ilhas afortunadas ou ilhas dos bem-aventurados<sup>10</sup>. A sua utilização como termo para caracterizar as afinidades biogeográficas da flora e da fauna dos cinco arquipélagos atlânticos data do século XIX. Ou seja, apesar de alguns aspetos da flora, fauna e outras dimensões da vida humana e natural dos espaços insulares atlânticos terem sido repertoriados por Gaspar Frutuoso desde o século XVI<sup>11</sup>, foi a partir da primeira metade do século XIX que alguns autores passaram a demarcar de forma mais sistemática a diferença entre a flora e a fauna dos arquipélagos atlânticos e as das zonas costeiras continentais. A origem do nome Macaronésia é atribuída ao botânico Philip Barker Webb, que o estabeleceu por volta de 1835. Mas segundo autores/as, Webb incluiu na sua caracterização apenas Madeira, Canárias e Ilhas Selvagens. Por sua vez, Adolf Engler, em 1879, foi um dos primeiros a incluir os Açores na Macaronésia. E foi apenas a partir de 1961 que Pierre Dansereau

---

<sup>8</sup> MARTINS, Estevão de Resende, “A Revolução Atlântica: Fronteira ou Traço de União?”. In RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (coord.), *Mare Oceanus Atlântico: Espaços de Diálogos*. Coimbra: Almedina, 2007, pp.112; GILROY, Paul, *L’Atlantique Noir: Modernité et Double Conscience*. Paris: Éditions Kargo, 2003; RIBEIRO, Maria Manuela Tavares, “Portugal entre o Passado o Futuro. Reencontro da Tradição Atlântica”. In DÍAZ, Mirta Nuñez (dir.), *El Dia Después. España Y sus ex-colonias tras el Desastre del 98*. Balart, Madrid, Argés, 1998, pp.258-290.

<sup>9</sup> TOSCO, Rubén e DÍAZ, Guillermo García, “Crónica de um Viaje Naturalístico al Archipiélago de Cabo Verde”, *Makaronesia. Boletín de la Asociación de Amigos del Museo de Ciencias Naturales de Tenerife*, n.º 0, Noviembre, 1998, pp.28-34.

<sup>10</sup> GARCÍA-TALAVERA, Francisco, “Uma Parada en la Macaronesia: Purpurarias y Afortunadas. La Macaronesia Central en la Antiüedad”, *Makaronesia. Boletín de la Asociación Amigos del Museo de Ciencias Naturales de Tenerife*, n.º 8, Diciembre, 2006, pp.61-82.

<sup>11</sup> FRUTUOSO, Gaspar, *Saudades da Terra*, Livros I-VI, (Nova edição – Revisão de textos e reformulações de índices por Jerónimo Cabral). Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998. Sobre Cabo Verde ocupa o Livro I, Capítulo Vigésimo Primeiro, pp.77-80.

argumentou sobre a inclusão das ilhas de Cabo Verde, ficando a designada região da Macaronésia composta por esses cinco arquipélagos vulcânicos<sup>12</sup>.

As ressonâncias sobre a Macaronésia não passaram despercebidas entre alguns autores cabo-verdianos. É possível sustentar que já antes de 1961 (data a partir da qual Pierre Dansereau defende a inclusão das ilhas de Cabo Verde), o vocábulo já circulava entre alguns deles. Por exemplo, num escrito datado de 10 de Agosto de 1957, José Lopes elucida de forma inequívoca o seu conhecimento do termo Macaronésia, argumentando inclusive a sua aplicação para as ilhas cabo-verdianas<sup>13</sup>. Apoiando na raiz etimológica das palavras Macronésia e Macaronésia, Lopes lança luz sobre as suas diferenças: na primeira, o prefixo *Macrò* (grego) significa “*grande*”, transcrevendo o conceito semântico de ilha grande. “Ora, de acordo com ele, nenhuma das nossas ilhas é tão extensa, que mereça tal qualitativo”. Todavia, na segunda, *Makar/Makaro* (grego) significa Feliz, denotando o sentido ilha feliz. O que ele pretendia de facto com esses exemplos era “demonstrar que a significação dos prefixos é que nos deve orientar para não haver confusão. Macaronésia/Makaronésia é coisa absolutamente diferente, mas é a denominação que cabe às nossas ilhas de Cabo Verde e (diga-se desde já) pode caber a outras quaisquer no sentido literal. [...]. Há uma tradição multi-secular de que certas ilhas na África Ocidental foram chamadas ilhas da Bem-aventurança pelos Gregos, isto é, seus geógrafos [...]. Afirmavam que no Atlântico, perto da Costa da África, existiam ilhas de clima que as tornavam verdadeiros paraísos. Assim lhes deram o nome de Makaronesos – (Makar’-esos)”<sup>14</sup>.

Com isso tudo, José Lopes assevera que a “simples inspecção dos dois vocábulos” prova que se devia preferir o termo Macaronésia para as ilhas cabo-verdianas; revela em acréscimo que, afinal, outros autores cabo-verdianos como Teixeira de Sousa e Manuel Meira conheciam o termo e, já antes dele, também “tinham optado por Makaronésia”. E admitiu em jeito de remate que estava apenas a reforçar a “douta opinião” daqueles seus “ilustres amigos”<sup>15</sup>. Refira-se que, nos termos acima colocados, a ideia de Macaronésia transcreve apenas considerações de ordem etimológica e de influência clássica, colhidas em alguns escritores gregos antigos. Deste ponto de vista, enquanto parte da designada Macaronésia, as ilhas de Cabo Verde constituíam possíveis vestígios

---

<sup>12</sup> FERNÁNDEZ-PALACIOS, José María *et al.*, “A reconstruction of Palaeo-Macaronesia, with particular reference to the long-term biogeography of the Atlantic island laurel forests”, *Journal of Biogeography*, 38, 2011, pp.226-246; VANDERPOORTEN, A., RUMSEY, F. J., and CARINE, M. A., “Does Macaronésia Exist? Conflicting Signal in the Bryophyte and Pteridophyte Floras”, *American Journal of Botany*, Vol. 94 (4), 2007, p.625.

<sup>13</sup> LOPES, José, “Macronésia/Macaronésia”, *O Arquipélago*, Ano IV, n.º 203, Praia (Cabo Verde), 30 de Junho, 1966, p.1. Segundo consta, o presente texto constituía um inédito de José Lopes, um manuscrito original que estava na posse de Teixeira de Sousa. Este, por considerar que tal escrito revestia de interesse, enviou-o para publicação no periódico acima mencionado.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p.1.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p.1.

ucrónicos ainda vivos das supostas ilhas da Bem-aventurança que a tradição grega identificava como sendo os espaços insulares atlânticos e oeste-africano<sup>16</sup>. Todavia, como demonstraremos mais adiante, a versão contemporânea e pós-colonial cabo-verdiana da ideia de Macaronésia é, entre outras, tributária de estratégias politicamente investidas, sobretudo com vista a potenciar a inserção de Cabo Verde no espaço euro-atlântico e influenciar as relações deste arquipélago com a Europa.

Significa que a noção de Macaronésia passou também a ser manejada como uma espécie de conceito-cúmplice de pertença. Pois, apesar da sua origem se inscrever no campo da categorização biogeográfica, o termo foi apropriado pelo campo do discurso político e passou a ser insuflado de significações que denotam mais do que simples categorização biogeográfica da região. A esse respeito, por exemplo, nada é mais ilustrativo do que um dos discursos do então chefe do governo cabo-verdiano, pronunciado em 2007, em que este remete para “a dinâmica de integração regional de Cabo Verde tanto no espaço da Macaronésia como no da CEDEAO”<sup>17</sup> (Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental). A Macaronésia emerge muitas vezes nos discursos da chancelaria política oficial como um dos horizontes de ancoragem e corredor de ligação de Cabo Verde com a Europa: ou seja, o espaço de articulação de eventuais propósitos potencialmente mediadores das relações entre arquipélago cabo-verdiano e a União Europeia. Pois, nessa mediação, as regiões insulares ultraperiféricas da UE poderão servir de ponte: o que liga e permite simultaneamente a passagem entre Cabo Verde e a Europa<sup>18</sup>.

### **Macaronésia: teatro político ou passerelle (sem fim) de Cabo Verde para Europa?**

De significado biogeográfico, o termo Macaronésia passou também a veicular a ideia de uma região política. O exemplo paradigmático foi a publicitação em dezembro de 2010 da designada Região da Macaronésia: esta era concebida como um espaço para estratégias de cooperação entre os arquipélagos atlânticos<sup>19</sup>. A invenção política

<sup>16</sup> LOPES, José, “Macronésia/Macaronésia” ..., p.1; RECLUS, Élisée, *Nouvelle Géographie Universelle – La Terre et les Hommes*, Livre XII, *L’Afrique Occidentale (Archipels Atlantiques, Sénégalie et Soudan Occidental)*. Paris: Librairie Hachette, 1887, pp.1-7; ANDRADE, Elisa, “Du mythe à l’histoire”. In VEIGA, Manuel (dir.), *Insularité et littérature aux îles du Cap-Vert*. Paris: Karthala, 1997, pp.17-22.

<sup>17</sup> *A Semana*, 26 de Outubro, 2007, p.4.

<sup>18</sup> *Parceria Especial Cabo Verde – UE. Quadro Orientador para a Implementação*, (Versão 23 de Outubro de 2008), pp.3-4; NEVES, José Maria, “As Relações Externas de Cabo Verde – O Caso da União Europeia”, *Estratégia – Revista de Estudos Internacionais*, n.º 20, 2004; *Comunicação da Comissão ao Conselho e ao Parlamento Europeu sobre o futuro das relações entre a União Europeia e a República de Cabo Verde*, Bruxelas, 2007, pp.2-5; *A Semana*, 23 de Novembro, 2007, p.5; *Expresso das Ilhas*, n.º 308, 31 de Outubro, 2007, p.V.

<sup>19</sup> “Região da Macaronésia foi politicamente oficializada”. Disponível em, <http://www.dnoticias.pt/actualidade/politica/240667-regiao-da-macaronesia-foi-politicamente-oficializada> (Data de acesso: 17/10/2012); <https://www.dn.pt/lusa/cores-acolhem-ii-cimeira-dos-arquipelagos-da-macaronesia-esta-sexta-feira-9394602.html> (Data de acesso: 15/07/2020).

da ideia de Região da Macaronésia insufla inferências de vária ordem: *i*) reifica a ideia de região política a partir de demarcações biogeográficas originárias, instaurando com isso um imaginário de pertença referente a um espaço específico, interpretado a partir daí como entidade política; *ii*) induz uma escala de inserção de Cabo Verde na área de influência das Regiões Ultraperiféricas da União Europeia; *iii*) incita estratégias de representação político-cultural da imagem de Cabo Verde para além da moldura geográfica africana; *iv*) a condição insular e a localização dos arquipélagos no Oceano Atlântico inspiram (direta e indiretamente) o conceito de região política atlântica. A partir desses dois elementos (localização e condição insular), a Região da Macaronésia torna-se no novo horizonte político a partir do qual passará a ser projetada a pertença atlântica do arquipélago cabo-verdiano. Deste ponto de vista, imaginado como espaço de integração política, a Macaronésia ilude confortar a fantasia atlântica cabo-verdiana, caracterizada pela sua condição de arquipélago localizado no Oceano Atlântico e, simultaneamente, país geográfico e culturalmente africano.

Além do enquadramento biogeográfico de Cabo Verde na Macaronésia, o arquipélago também faz parte do quadro geográfico Sahel africano<sup>20</sup>. No entanto, a inserção na região Saheliana não é ventilada, nem reivindicada com o mesmo vigor político-discursivo. Mas qualquer ideia de região não repousa sobre a relação quase simultânea entre identidade e representação? Na verdade, a ideia de Região da Macaronésia repousa, por um lado, sobre critérios unicamente biogeográficos de identidade (neste caso específico, a localização atlântica, a condição insular, a origem vulcânica, a partilha da flora e da fauna); por outro, esses mesmos critérios influenciam a forma como o conceito político de Região é fabricado e assimilado. E os discursos veiculados procuram influenciar a percepção dos atores (políticos e sociais) sobre interesses suscetíveis de reificar no imaginário social um determinado tipo de entendimento sobre a Região. Não menos importante neste processo são as operações narrativas, estribadas na imaginação histórica. Por um lado, elas tendem a omitir a natureza dessas relações e a forma como estas se inscrevem e se deram historicamente. Pois, como alguns autores demonstram, as relações entre o que é hoje União Europeia e os chamados países em desenvolvimento estão intimamente ligadas à história do colonialismo e da expansão imperial europeia pelo mundo<sup>21</sup>. Por outro, as operações narrativas imbricam por vezes várias temporalidades no interior do mesmo relato acerca da relação entre Cabo Verde, os outros arquipélagos macaronésios e a Europa. Um bom exemplo acerca do que vem de ser dito encontra-se patente nesta passagem:

---

<sup>20</sup> SEMEDO, José M., “Le Cap-Vert un archipel du Sahel”. In *Découverte des Îles du Cap-Vert*. Praia: AHN – Paris: SÉPIA, 1998, pp.25-31.

<sup>21</sup> BROBERG, Morten, “From Colonial Power to Human Rights Promoter: on the Legal Regulation of the European Union’s Relations with the Developing Countries”, *Cambridge Review of International Affairs*, Vol. 26, Issue 04, 2012: 1-7; GRILLI, Enzo R., *The European Community and the Developing Countries*. Cambridge, Cambridge University Press, 1994, p.1.

Cabo Verde mostra cada vez mais interesse em estreitar os laços com a União Europeia e, em especial, com as regiões ultraperiféricas (RUP) da União Europeia situadas no Atlântico Norte. Com efeito, Cabo Verde constitui, juntamente com as ilhas europeias dos Açores, Madeira e Canárias, o conjunto designado Macaronésia, onde desde sempre se foram tecendo ligações históricas, culturais, linguísticas e de complementaridade que caracterizam ainda hoje as suas relações e a sua cooperação. Esta orientação tem origem na história antiga e recente de Cabo Verde e da Europa, marcada por relações humanas e culturais estreitas, bem como pela experiência comum de acontecimentos importantes e a partilha de valores sociopolíticos fortes. Com efeito, a sociedade cabo-verdiana foi-se constituindo desta forma, tecendo laços históricos, humanos, religiosos, linguísticos e culturais inextricáveis com a Europa. A sociedade cabo-verdiana é o resultado da fusão dos povos europeu e africano e do diálogo entre as respectivas culturas<sup>22</sup>.

Este excerto ilustra bem o “regime de historicidade”<sup>23</sup> patente no interior deste discurso, isto é, a forma como os atores colocam em relação as visões do presente com o passado e o futuro, a partir do uso política da narrativa histórica. Aqui, o presente e o horizonte de expectativas do futuro são justapostos numa discursividade que usa a imaginação histórica acerca do passado como suplemento político-retórico do constructo argumentativo das relações de Cabo Verde com a Macaronésia e a Europa. As categorias de tempo são sub-repticiamente articuladas como elementos suscetíveis de conferir plausibilidade ao argumento e à demanda cabo-verdiana: “intensificar as relações e aumentar a integração entre as RUP”<sup>24</sup>. No entanto, se considerarmos os limites de autonomia política que caracterizam a pertença e a inserção dos diferentes arquipélagos nas fronteiras nacionais dos seus respetivos países, a ideia de Macaronésia como instância política autónoma de integração regional estará sempre condicionada pela soberania nacional dos Estados em presença.

Uma Região da Macaronésia terá necessariamente de articular com várias escalas políticas, considerando as condicionantes das soberanias nacionais. Como alguns trabalhos demonstram, os membros da Macaronésia e as parcerias que tentam fomentar podem ser partilhadas, porém, salvaguardando as respetivas dissemelhanças constitutivas existentes entre esses territórios<sup>25</sup>. Pois, com exceção de Cabo Verde (que é um

---

<sup>22</sup> *Comunicação da Comissão ao Conselho e ao Parlamento Europeu sobre o futuro das relações entre a União Europeia e a República de Cabo Verde*, Bruxelas, 2007, p.2.

<sup>23</sup> HARTOG, François, *Régimes d’Historicité. Présentisme et Expériences du Temps*. Paris: Éditions du Seuil, 2003, pp.11-27.

<sup>24</sup> *Comunicação da Comissão ao Conselho e ao Parlamento Europeu sobre o futuro das relações entre a União Europeia e a República de Cabo Verde*, Bruxelas, 2007, p.2. Veja-se ainda, *Expresso das Ilhas*, n.º 308, *Pareceria Especial*, 31 de Outubro, 2007, p.III.

<sup>25</sup> PEREIRA, Jairzinho, “Theorizing the EU Conditionality Policy and its Application in West African Countries. The Case of Cape Verde”, *European Scientific Journal*, Vol. 10, May 2014, pp.389-403;

Estado africano e independente), todos os restantes arquipélagos que integram a Macaronésia encontram-se sob a soberania dos seus respetivos Estados nacionais (Açores e Madeira para Portugal; Canárias para Espanha). Significa que, mesmo como espaço de integração e de região política, a ideia de Macaronésia terá de repousar necessariamente sobre critérios e políticas de cooperação que não colidam a autonomia das regiões ultraperiféricas com a soberania dos estados-nação a que pertencem. Daí, o paradoxo reside precisamente no facto de a ideia de Macaronésia ser patenteada pelo discurso político cabo-verdiano como uma espécie de espaço de integração regional supostamente autónomo. Mas os limites dessa autonomia são condicionados pela própria condição política de pertença nacional dos diferentes arquipélagos. Isto significa que os supostos interesses cabo-verdianos que se jogam ao nível do cenário atlântico da Macaronésia podem criar interlocuções, quanto mais se revelarem coincidentes e convenientes com as políticas atlânticas dos Estados nacionais (Portugal e Espanha) que detêm a soberania política sobre esses arquipélagos atlânticos macaronésios que fazem parte das regiões ultraperiféricas da Europa.

Refira-se ainda que a designação de Região da Macaronésia remete, também em parte, para a componente europeia dos outros arquipélagos que a compõem, excetuando Cabo Verde. Por isso, a ideia de uma Região da Macaronésia ilude interpenetrar fronteiras reais e, ao fazê-lo, forja uma geografia imaginária de pertença e de integração política: a geografia atlântica que engloba os arquipélagos que formam a região. Neste sentido, Cabo Verde terá na própria noção de Macaronésia o seu espaço imaginário de pertença: o esboço de um lugar com base no qual são imaginadas outras referencialidades de integração (nomeadamente atlântica e insular); outra escala de pertença que projeta o arquipélago cabo-verdiano para além da sua inserção político-geográfica africana. A Macaronésia seria, deste ponto de vista, uma referência ou um lugar em relação ao qual passa-se a imaginar a suposta integração euro-atlântica de Cabo Verde. Por fim (e não menos importante), a Macaronésia é ventilada no discurso político cabo-verdiano e incutida no imaginário social como uma referencialidade geográfica e política supostamente homogénea, apenas por causa da matriz essencialmente insular e biogeográfica dos territórios que a compõem.

Na Macaronésia, Cabo Verde terá sempre de ter em consideração a autoridade política e soberana de Portugal e Espanha sobre as suas regiões autónomas. Em última instância tratar-se-á sempre de relações entre Estados soberanos, mediadas pelas regiões autónomas; e nunca relações entre um Estado independente e arquipélagos com os quais Cabo Verde partilha apenas afinidades biogeográficas. Um outro elemento não

---

MONTEIRO, Maria Isabel Gomes, *Parceria Especial Cabo Verde/União Europeia-UE: Uma Mudança de Paradigma nas Relações entre Cabo Verde e UE?*, Dissertação de Mestrado. Lisboa: ISEG, Universidade Técnica de Lisboa, 2011; COSTA, Suzano, *Cabo Verde e a União Europeia: Diálogos Culturais, Estratégias e Retóricas de Integração*, Dissertação de Mestrado. Lisboa: FCSH, Universidade Nova de Lisboa, 2009. Veja-se ainda: *Expresso das Ilhas*, n.º 308, 31 de Outubro, 2007, p.VI.

menos negligenciável sobre a ideia de Região da Macaronésia prende-se com a noção de agregado supostamente uniforme que a ideia de região pode induzir. Na verdade, por mais que os elementos demarcatórios repousem sobre características biogeográficas e concretas (insularidade, localização no Oceano Atlântico, flora e fauna afins, etc.), os critérios de delimitação da região nunca foram homogêneos. Esta asserção é válida quando tomamos em consideração que, mesmo entre os biólogos e naturalistas, a caracterização biogeográfica que delimitou a Macaronésia não agrupou desde o início, como conjunto único e uniforme, os cinco arquipélagos. Por exemplo, Cabo Verde não foi incluído na delimitação inicial (1835, 1879) que inventa a noção biogeográfica de arquipélagos atlânticos da Macaronésia; a sua inserção só acontece na década de sessenta do século seguinte (1961, 1969) quando alguns autores expandiram a abrangência da circunscrição. E se por um lado não é consensual a caracterização da Macaronésia como espaço formado por um grupo monofilético, por outro, alguns critérios classificatórios não deixam de situar a pertença biogeográfica de Cabo Verde mais próxima de tipologias da África continental Subsariana do que de modelos classificatórios dos arquipélagos atlânticos ibéricos<sup>26</sup>.

Do que vem de ser dito, não restam dúvidas que a noção de Macaronésia, mais do que deslocada da sua significação biogeográfica, foi apropriada pelo campo do discurso político oficial cabo-verdiano. Passou a ser investida como conceito-cúmplice de uma noção de pertença. E a esse respeito é o exemplo paradigmático do que podemos denominar de espaço imaginário de pertença. Os espaços imaginários reenviam para essas alusões difusas (Atlântico, Macaronésia) que se estribam na situação insular e na localização atlântica de Cabo Verde, forjando e induzindo discursivamente lugares de pertença e de ancoragem do arquipélago em relação, precisamente, a essas duas referencialidades: o Atlântico e o espaço euro-atlântico da Macaronésia. Quer dizer que, além da sua localização africana, Cabo Verde é projetado noutras referências que remetem para a sua condição geográfica insular e atlântica, inspirando desde logo um imaginário atlântico de pertença.

### **Macaronésia e a projeção do imaginário político cabo-verdiano**

Afinal, como analisar criticamente a deslocação da significação biogeográfica da Macaronésia para a sua ressignificação totalmente política? Como examinar esta oscilação de Cabo Verde entre a fixidez do seu enquadramento geográfico africano e a deriva atlântico-macaronésia? Uma das possibilidades, entre várias, de situar este debate reside no seu enquadramento analítico à luz da grelha interpretativa da problemática da fronteira. Significa que com base nas lógicas de “desdobramento”, uma fronteira configura,

---

<sup>26</sup> VANDERPOORTEN, A., RUMSEY, J.F. and CARINE, M. A., “Does Macaronesia”..., pp. 625-637.

segundo Rui Cunha Martins, os seus próprios “regimes de reprodutibilidade”. Estes, por conseguinte, remetem para diferentes níveis da sua definição e da sua “demarcação pelo exterior”<sup>27</sup>. Escudado nesta moldura analítica compreenderemos em parte a forma como Cabo Verde, sendo um país africano, faz uso da sua situação insular e atlântica para manobrar estratégias de ancoragem política no espaço euro-atlântico macaronésio: o arquipélago desdobra a projeção das suas fronteiras para forjar o imaginário referente a uma pertença regional atlântica. Tal está bem patente no desígnio em “aproximar Cabo Verde à União Europeia” e “aumentar a integração” das ilhas cabo-verdianas com as regiões ultraperiféricas europeias que compõem a Macaronésia<sup>28</sup>.

Se “por definição, qualquer iniciativa de integração solicita um esforço paralelo de demarcação”<sup>29</sup>, então, a ênfase discursiva na integração de Cabo Verde na Região da Macaronésia é, em absoluto rigor, uma operação de demarcação: da sua demarcação como país africano que busca uma inserção concreta e atuante no espaço euro-atlântico. Trata-se aqui de uma “demarcação pelo exterior”<sup>30</sup>. Pois, a fronteira mobiliza valências que possibilitam várias modalidades demarcatórias, a saber, tal como Martins bem elucida, a “demarcação pelo interior” e a “demarcação pelo exterior”: na primeira “a entidade a demarcar se define, em primeira instância, em moldes designativos, auto-afirmativos, a partir daquilo que é, na convicção de que os seus limites estarão, precisamente, lá onde essa entidade deixa de ser. Porque, aqui, a sua diferença originária é o quadro dos seus elementos característicos”; por seu turno, a demarcação pelo exterior é um modelo de definição em que “uma entidade política, cultural ou económica delimita-se, em primeira instância, com base na definição das suas exterioridades, isto é, a partir do estabelecimento de determinados critérios de relacionamento capazes de determinar, com o rigor possível, as condições de diferença, inclusão, filtragem ou transgressão que deverão regular o fluxo relacional com outras entidades. O seu resultado mais pragmático expressa-se em políticas de delimitação, de expansão, de cooperação ou de enfrentamento”<sup>31</sup>. Essas modalidades de demarcação ecoam nas enunciações discursivas sobre a deriva euro-atlântica de Cabo Verde em relação à Macaronésia e à Europa, como prova este excerto:

Estamos no espaço da Macaronésia e somos, por isso, vizinhos da Europa e há que fazer uma política de boa vizinhança. Essa aproximação é do interesse dos europeus e dos cabo-verdianos porque permite à Europa alargar a sua área de segurança e de

---

<sup>27</sup> MARTINS, Rui, *O Método da Fronteira. Radiografia Histórica de um Dispositivo Contemporâneo (Matrizes Ibéricas e Americanas)*. Coimbra: Almedina, 2008, p.153 e p.179.

<sup>28</sup> *Comunicação da Comissão ao Conselho e ao Parlamento Europeu sobre o futuro das relações entre a União Europeia e a República de Cabo Verde*, Bruxelas, 2007, p.2.

<sup>29</sup> MARTINS, Rui, *O Método da Fronteira...*, pp.179-180.

<sup>30</sup> *Ibidem*, pp.179-180.

<sup>31</sup> *Ibidem*, pp.179-180.

estabilidade para dentro do Atlântico. Cabo Verde está numa posição geo-estratégica [sic] importante, precisamente no ponto de intermediação entre o Atlântico Norte e Sul. Mas isso não implica que Cabo Verde esqueça e dê costas a África. Cabo Verde só tem a importância que tem por ser um país da Costa Ocidental de África<sup>32</sup>.

Está bem evidente aqui o desdobramento dos limites do arquipélago em direção à Macaronésia, fazendo inclusive conciliar indiretamente esses limites com os da União Europeia e os seus interesses pela região. Ficou igualmente explícito que, por detrás desta incursão de Cabo Verde em direção à Macaronésia e à Europa residem interesses políticos: aqui, a demarcação pelo exterior se revela precisamente nas condições que regulam o quadro relacional do arquipélago com aquela região euro-atlântica. O quadro da Parceria Especial entre Cabo Verde e a União Europeia ilustra bem esta ideia: se por um lado esta poderá facilitar o quadro relacional de Cabo Verde com os restantes arquipélagos europeus que integram o espaço macaronésio euro-atlântico; por outro, a Parceria não deixará de impor a Cabo Verde definir constantemente os seus limites, fazendo-o lembrar (e será eternamente confrontado a assumir) as suas demarcações como entidade política, geográfico-insular e cultural africana. Porque a União Europeia quer Cabo Verde em África, não na Europa<sup>33</sup>. Em resultado da sua posição geográfica e da sua integração sub-regional Oeste africano, Cabo Verde pode sempre servir de mediador nas relações entre a Europa e a África<sup>34</sup>.

As manobras de ancoragem política de Cabo Verde no espaço euro-atlântico da Macaronésia são artificios de projeção das escalas fronteiriças do arquipélago no Atlântico. O que significa que a retórica política pretende que a inserção de Cabo Verde no mundo seja também encarado a partir dessa moldura euro-atlântica<sup>35</sup>. Daí a questão nodal sobre os espaços imaginários de pertença através de discursos que ficcionam a existência de outros pretensos lugares de inserção, para além da inserção geográfica,

---

<sup>32</sup> *A Semana*, 12 de Janeiro, 2007, p. 8

<sup>33</sup> *Futuro das relações entre a União Europeia e a República de Cabo Verde. Conclusão do Conselho e dos Representantes dos Governos dos Estados-Membros reunidos no Conselho*, Bruxelas, Conselho da União Europeia, 20 de Novembro, 2007, p.4. Acessível em, <http://register.consilium.europa.eu/pdf/pt/07/st15/st15114.pt07.pdf> (Data da consulta, 26/09/2012).

<sup>34</sup> PEREIRA, Jairzinho, “Theorizing the EU Conditionality Policy and its Application in West African Countries. The Case of Cape Verde”, *European Scientific Journal*, Vol. 10, May 2014, pp. 389-403. Veja-se ainda *Revista Ilhas*, Dossier Parceria Especial, Abril-Maio, 2008, p. 25. A prevalência dada às características que singularizam Cabo Verde como entidade: a geografia, a condição insular, a localização geográfica entre o continente africano e americano e, por fim, o mítico espectro identitário – “a presença de uma forte vontade de identidade europeia em Cabo Verde”. Cf. *A Semana*, 15 de Maio, 2009, p. 13. A prevalência dada a essas propriedades naturais enquanto elementos de valorização dos critérios que pulsam as possibilidades da deriva euro-atlântica de relacionamento de Cabo Verde com a Europa tende, paradoxalmente, para estimular a produção ininterrupta de discursos que tendem a acentuar, a cristalizar e a reificar a crença na especificidade geopolítica e sociocultural atlântica do arquipélago.

<sup>35</sup> *Comunicação da Comissão ao Conselho e ao Parlamento Europeu sobre o futuro das relações entre a União Europeia e a República de Cabo Verde*, Bruxelas, 2007, p. 2.

política e cultural de Cabo Verde em África. Em suma: os espaços imaginários de pertença resultam da fabricação político-discursiva dessas outras projeções (obviamente não-africanas) em relação às quais são produzidos discursos de aproximação; e são idealizados outros lugares de ancoragem política e geográfica de Cabo Verde. Tais estratégias são insufladas por retóricas que insinuam e induzem à crença na existência de um espaço imaginário atlântico no interior do qual Cabo Verde se encontra, independentemente da sua inserção geografia africana<sup>36</sup>. Deste ponto de vista, o arquipélago cabo-verdiano pendula por vezes discursivamente entre o seu enquadramento geográfico no continente africano e os espaços imaginários induzidos pela sua condição arquipelágica atlântica.

## Notas finais

Diferentes trabalhos demonstram que as estratégias de aproximação e de ancoragem cabo-verdiana no espaço atlântico não estão desprovidas de interesses manifestos<sup>37</sup>. Como igualmente provam outros exemplos, o fenómeno não esteve imune aos jogos de interesses estratégicos que as possíveis virtualidades da sua condição geográfica podem potenciar<sup>38</sup>. Sendo assim, para além dos condicionalismos de soberania que limitam a ideia de Macaronésia como espaço político autónomo, no entanto, não se pode deixar de reconhecer as possibilidades de cooperação que, potencialmente, ela suscita. Os arquipélagos ibéricos atlânticos, sendo regiões autónomas de Portugal e

---

<sup>36</sup> BARROS, Victor, “Cabo Verde e a Imaginação dos Espaços de Pertença: Atlântico, África, Europa”. In RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (coord.), *(Re)pensar a Europa*. Coimbra: Almedina, 2010, pp. 101-121.

<sup>37</sup> Veja-se COSTA, Suzano, “A Política Externa Cabo-Verdiana na Encruzilhada Atlântica: entre a África, a Europa e as Américas”, [http://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/files/Doc\\_trabalho/16-SuzanoCosta.pdf](http://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/files/Doc_trabalho/16-SuzanoCosta.pdf) (Consultado em 15/07/2020); FONSECA, Sara Lorena de Fátima Santos, *A Importância Geoestratégica de Cabo Verde na Parceria Especial com a União Europeia*, Dissertação de Mestrado. Lisboa: FCSH, Universidade Nova de Lisboa, 2019; MADEIRA, João Paulo, “África Versus Europa: Cabo Verde no Atlântico Médio”, *Revista de Estudos Internacionais*, Vol. 4, n.º 1, Jan-Jun, 2013, pp. 46-59; BARROS, Nilton Jorge Pina, *A União Europeia na Segurança e Estabilidade de Cabo Verde*, Dissertação de Mestrado. Lisboa: Academia Militar, 2011; TAVARES, Pedro B., *Relações Cabo Verde – China: Balanço dos Trinta e Dois Anos de Cooperação*, Dissertação de Mestrado. Lisboa: FCSH, Universidade Nova de Lisboa, 2010, pp. 92-114; TAVARES, Adilson de Jesus Cabral, *A Importância da Política Externa no Processo do Desenvolvimento: O Caso Paradigmático de Cabo Verde*, Dissertação de Mestrado. Lisboa: FCSH, Universidade Nova de Lisboa, 2010, pp. 84-142. Veja-se ainda as diferentes contribuições de autores e autoras publicadas no volume DELGADO, José Pina; VARELA, Odair Barros; COSTA, Suzano (orgs.), *As Relações Externas de Cabo Verde: (Re)leituras Contemporâneas*. Praia: Edições ISCJS, 2014.

<sup>38</sup> Veja-se por exemplo VARELA, Aquilino, *Unipolaridade e Alternativa. Os “lugares” do não-alinhamento na Política Internacional Contemporânea: entre Bandung e Porto Alegre*, Dissertação de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2007, pp. 30-35; VARELA, Odair, “A Encruzilhada da Defesa e Segurança no Atlântico Médio: Cabo Verde entre a ‘Espada’ da NATO e a ‘Parede’ Africana?”, *Direito e Cidadania*, Ano VIII, n.º 25/26, 2006/2007, pp. 219-248.

Espanha e fronteiras ultraperiféricas da União Europeia, partilham com o arquipélago de Cabo Verde alguns desafios impostos pela insularidade. Mas os meios económicos e os recursos naturais de que dispõem são mais amplos e distintos, comparativamente a Cabo Verde (sem grandes recursos naturais e com uma produção económica exígua e pouco diversificada). Neste sentido, as possibilidades de cooperação residem nos desafios impostos pela insularidade, mas fundamentalmente na identificação de objetivos suscetíveis de harmonizar os interesses atlânticos ibéricos e europeus com a situação africana de Cabo Verde.

O imaginário sobre o Atlântico é, com efeito, um simulacro. Tal como demonstrámos, a apropriação política da narrativa histórica fabrica efabulações que insinuam inferências e projetam ideias sobre os espaços imaginários de pertença. Os discursos políticos cabo-verdianos sobre a ideia de Região da Macaronésia comportam também uma dimensão de tipo performativo. Por um lado porque veiculam uma suposta promessa que visa produzir um efeito de crença, suscetível de validar a própria produção do político como acontecimento. Por outro lado porque a preferência manifesta para ancorar Cabo Verde no espaço euro-atlântico é corroborada por um sistema de ações interessadas, por discursos especificamente direcionados e por um conjunto de enunciados políticos que, com efeito, intentam referencia-la.

## **Fontes e Bibliografia**

### **Fontes e Documentos Impressos**

*A Semana*, 15 de Maio, 2009.

*A Semana*, 12 de Janeiro, 2007.

*A Semana*, 26 de Outubro, 2007.

*A Semana*, 23 de Novembro, 2007.

*Comunicação da Comissão ao Conselho e ao Parlamento Europeu sobre o futuro das relações entre a União Europeia e a República de Cabo Verde*, Bruxelas, 2007.

*Expresso das Ilhas*, n.º 308, 31 de Outubro, 2007.

*Expresso das Ilhas*, n.º 308, *Pareceria Especial*, 31 de Outubro, 2007.

*Futuro das relações entre a União Europeia e a República de Cabo Verde. Conclusão do Conselho e dos Representantes dos Governos dos Estados-Membros reunidos no Conselho*, Bruxelas, Conselho da União Europeia, 20 de Novembro, 2007, p. 4. Acessível em, <http://register.consilium.europa.eu/pdf/pt/07/st15/st15114.pt07.pdf> (Data da consulta, 26/09/2012).

*Parceria Especial Cabo Verde – UE. Quadro Orientador para a Implementação*, (Versão 23 de Outubro de 2008).

“Região da Macaronésia foi politicamente oficializada”. Disponível em, <http://www.dnoticias.pt/actualidade/politica/240667-regiao-da-macaronesia-foi-politicamente-oficializada> (Data de acesso: 17/10/2012); <https://www.dn.pt/lusa/acoresh-acolhem-ii-cimeira-dos-arquipelagos-da-macaronesia-esta-sexta-feira-9394602.html> (Data de acesso: 15/07/2020).

*Revista Ilhas*, Dossier Parceria Especial, Abril-Maio, 2008.

## Livros e Artigos

- AMARAL, Carlos Pacheco, *Autonomie Régionale et Relations Internationales. Nouvelles Dimensions de la Gouvernance Multilatérale*. Paris: L'Harmattan, 2011.
- ANDRADE, Elisa, "Du mythe à l'histoire". In VEIGA, Manuel (dir.), *Insularité et littérature aux îles du Cap-Vert*. Paris: Karthala, 1997, pp. 17-22.
- BARROS, Nilton Jorge Pina, *A União Europeia na Segurança e Estabilidade de Cabo Verde*, Dissertação de Mestrado. Lisboa: Academia Militar, 2011.
- BARROS, Víctor "Cabo Verde e o Mito de Vocação Atlântica: Entre a Apropriação Política da História e a Ideologia do Dom Identitário". In DELGADO, José Pina et al. (orgs.), *As Relações Externas de Cabo Verde: (Re)leituras Contemporâneas*. Cidade da Praia: Edições ISCJS, 2014, 133-159.
- BARROS, Víctor, "Cabo Verde: Os Avatares dos Discursos Identitários e a Imaginação dos Espaços de Pertença". In SARMENTO, Cristina Montalvão; COSTA, Suzano (orgs.), *Entre África e a Europa: Nação, Estado e Democracia em Cabo Verde*. Coimbra: Edições Almedina, 2013, pp. 141-169.
- BARROS, Víctor, "Nos trilhos da Europa: Cabo Verde e a Parceria Especial com a União Europeia". In VALENTE, Isabel M. F. & RIBEIRO, Ana (orgs.), *Debater a Europa*. Aveiro: Centro de Informação Europe Direct Aveiro, 2010, pp.246-278.
- BARROS, Víctor, "Cabo Verde e a Imaginação dos Espaços de Pertença: Atlântico, África, Europa". In RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (coord.), *(Re)pensar a Europa*. Coimbra: Almedina, 2010, pp. 101-121.
- BARROS, Víctor, "A Parceria Especial CV/UE: Olhares da Imprensa". In RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (coord.), *De Roma a Lisboa: A Europa em Debate*. Coimbra: Almedina, 2009: 95-123.
- BROBERG, Morten, "From Colonial Power to Human Rights Promoter: on the Legal Regulation of the European Union's Relations with the Developing Countries", *Cambridge Review of International Affairs*, Vol. 26, Issue 04, 2012: 1-7.
- COSTA, Suzano, "A Política Externa Cabo-Verdiana na Encruzilhada Atlântica: entre a África, a Europa e as Américas", [http://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/files/Doc\\_trabalho/16-SuzanoCosta.pdf](http://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/files/Doc_trabalho/16-SuzanoCosta.pdf) (Consultado em 15/07/2020).
- COSTA, Suzano, *Cabo Verde e a União Europeia: Diálogos Culturais, Estratégias e Retóricas de Integração*, Dissertação de Mestrado. Lisboa: FCSH, Universidade Nova de Lisboa, 2009.
- COSTA, Suzano, "Cabo Verde e a Integração Europeia: A Construção Ideológica de um Espaço Imaginário", *Revista Travessias*, n.º 8, Rio de Janeiro, 2007, pp. 111-150.
- DELGADO, José Pina; VARELA, Odair Barros; COSTA, Suzano (orgs.), *As Relações Externas de Cabo Verde: (Re)leituras Contemporâneas*. Praia: Edições ISCJS, 2014.
- FERNÁNDEZ-PALACIOS, José María et al., "A reconstruction of Palaeo-Macaronesia, with particular reference to the long-term biogeography of the Atlantic island laurel forests", *Journal of Biogeography*, 38, 2011, pp.226-246.
- FONSECA, Sara Lorena de Fátima Santos, *A Importância Geoestratégica de Cabo Verde na Parceria Especial com a União Europeia*, Dissertação de Mestrado. Lisboa: FCSH, Universidade Nova de Lisboa, 2019.
- FRUTUOSO, Gaspar, *Saudades da Terra*, Livros I-VI, (Nova edição – Revisão de textos e reformulações de índices por Jerónimo Cabral). Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998.
- GARCÍA-TALAVERA, Francisco, "Uma Parada en la Macaronesia: Purpurarias y Afortunadas. La Macaronesia Central en la Antiüedad", *Makaronesia. Boletín de la Asociación Amigos del Museo de Ciencias Naturales de Tenerife*, n.º 8, Diciembre, 2006, pp. 61-82.
- GILROY, Paul, *L'Atlantique Noir: Modernité et Double Conscience*. Paris: Éditions Kargo, 2003.
- GRILLI, Enzo R., *The European Community and the Developing Countries*. Cambridge, Cambridge University Press, 1994.
- GUILLAUMIN, Patrick, "La Dimension Ultrapériphérique de l'Union Européenne". In *Quel Statut pour les Îles d'Europe?*, Paris: l'Harmattan, 2000, pp. 103-128.
- HARTOG, François, *Régimes d'Historicité. Présentisme et Expériences du Temps*. Paris: Éditions du Seuil, 2003.
- LOPES, José, "Macronésia/Macaronésia", *O Arquipélago*, Ano IV, n.º 203, Praia (Cabo Verde), 30 de Junho, 1966, p. 1.
- MADEIRA, João Paulo, "África Versus Europa: Cabo Verde no Atlântico Médio", *Revista de Estudos Internacionais*, Vol. 4, n.º 1, Jan-Jun, 2013, pp. 46-59.
- MARTINS, Estevão de Resende, "A Revolução Atlântica: Fronteira ou Traço de União?". In RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (coord.), *Mare Oceanus Atlântico: Espaços de Diálogos*. Coimbra: Almedina, 2007.

- MARTINS, Rui, *O Método da Fronteira. Radiografia Histórica de um Dispositivo Contemporâneo (Matrizes Ibéricas e Americanas)*. Coimbra: Almedina, 2008, pp. 153-187.
- MONTEIRO, Maria Isabel Gomes, *Parceria Especial Cabo Verde/União Europeia-UE: Uma Mudança de Paradigma nas Relações entre Cabo Verde e UE?*, Dissertação de Mestrado. Lisboa: ISEG, Universidade Técnica de Lisboa, 2011.
- NEVES, José Maria, “As Relações Externas de Cabo Verde – O Caso da União Europeia”, *Estratégia – Revista de Estudos Internacionais*, n.º 20, 2004.
- PEREIRA, Jairzinho, “Theorizing the EU Conditionality Policy and its Application in West African Countries. The Case of Cape Verde”, *European Scientific Journal*, Vol. 10, May 2014, pp. 389-403.
- RECLUS, Élisée, *Nouvelle Géographie Universelle – La Terre et les Hommes*, Livre XII, *L’Afrique Occidentale (Archipels Atlantiques, Sénégal et Soudan Occidental)*. Paris: Librairie Hachette, 1887.
- RIBEIRO, Maria Manuela Tavares, “Portugal entre o Passado o Futuro. Reencontro da Tradição Atlântica”. In DÍAZ, Mirta Nuñez (dir.), *El Día Después. España Y sus ex-colonias tras el Desastre del 98*. Balart, Madrid, Argés, 1998, pp. 258-290.
- SEMEDO, José M., “Le Cap-Vert un archipel du Sahel”. In *Découverte des Îles du Cap-Vert*. Praia: AHN – Paris: SÉPIA, 1998, pp. 25-31.
- TAVARES, Adilson de Jesus Cabral, *A Importância da Política Externa no Processo do Desenvolvimento: O Caso Paradigmático de Cabo Verde*, Dissertação de Mestrado. Lisboa: FCSH, Universidade Nova de Lisboa, 2010.
- TAVARES, Pedro B., *Relações Cabo Verde – China: Balanço dos Trinta e Dois Anos de Cooperação*, Dissertação de Mestrado. Lisboa: FCSH, Universidade Nova de Lisboa, 2010.
- TOSCO, Rubén e DÍAZ, Guillermo García, “Crónica de um Viaje Naturalístico al Archipiélago de Cabo Verde”, *Makaronesia. Boletín de la Asociación de Amigos del Museo de Ciencias Naturales de Tenerife*, n.º 0, Noviembre, 1998, pp. 28-34.
- VALENTE, Isabel Maria Freitas, *As Regiões Ultraperiféricas Portuguesas – Uma Perspetiva Histórica*. Região Autónoma da Madeira, Funchal, CEHA, 2009.
- VANDERPOORTEN, A., RUMSEY, F. J., and CARINE, M. A., “Does Macaronésia Exist? Conflicting Signal in the Bryophyte and Pteridophyte Floras”, *American Journal of Botany*, Vol. 94 (4), 2007, pp. 625-639.
- VARELA, Aquilino, *Unipolaridade e Alternativa. Os “lugares” do não-alinhamento na Política Internacional Contemporânea: entre Bandung e Porto Alegre*, Dissertação de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2007.
- VARELA, Odair, “A Encruzilhada da Defesa e Segurança no Atlântico Médio: Cabo Verde entre a ‘Espada’ da NATO e a ‘Parede’ Africana?”, *Direito e Cidadania*, Ano VIII, n.º 25/26, 2006/2007, pp. 219-248.

Artigo Recebido a 16 de julho de 2020 | Aceite a 20 de julho de 2020